

Carla Akotirene

Assistente Social

Uma das principais vozes do feminismo negro, mulher preta, pesquisadora, professora. Autora de livros referenciais nos estudos sobre equidade de gênero e interseccionalidade, essa baiana, que cresceu no bairro da Caixa D'Água, em Salvador, pode ser vista regularmente em atendimento na Unidade de Saúde Pública de Periperi, atuando como Assistente Social concursada do município. É nesse dia a dia, em contato com as dores das pessoas, que amplia sua luta por políticas públicas que dêem conta das diferentes vivências, atravessadas por marcadores de gênero, raça e classe no nosso país. Na certidão, é Carla Adriana da Silva Santos, mas, há mais de duas décadas, adotou o Akotirene, que recebeu da também sacerdotisa educadora e ativista brasileira na luta contra a intolerância religiosa, Makota Valdina. Referência a uma sacerdotisa do quilombo de Palmares, Akotirene reflete sua personalidade forte, dona de si, sua ancestralidade. “Akotirene está no meu DNA. Eu quero circular o mundo, levando o pensamento feminista negro, as histórias das mulheres privadas de liberdade. Essas mulheres encarceradas são as minhas aliadas. As flores que têm espinhos, que arranharam o patriarcado”, destaca.



Admite que sua Lua em Capricórnio a faz esconder muito suas emoções. Por isso, falar da sua infância é sempre um desafio. “É a lua de quem teve uma infância um pouco difícil. Filha de uma mãe que acumulava trabalhos, mulher negra, doméstica, sacoleira, ambulante. Por isso, eu tenho uma devoção maior pelo trabalho de Assistente Social. É como se eu me reconectasse com a criança que eu fui”, afirma. Negra de pele retinta, sofreu muito preconceito, ressaltando as dinâmicas sociais de que a cor da pele define como a pessoa negra é tratada. Para se tornar essa mulher empoderada, empreendeu uma longa trajetória. “Até a Faculdade, não tinha a dimensão do que era ser mulher negra. Pensava muito que poderia vencer na vida, então, trabalhava muito. Fui cordeira no bloco Ilê Aiyê aos 18 anos, trabalhei de segurança, vendendo ouro na Praça da Sé. No ensino médio, formei em técnica de Patologia Clínica. A Faculdade foi o despertar do meu pensamento crítico, aos 23 anos”, relembra.



Fez curso pré-vestibular no Instituto Steve Biko, e começou a cursar Serviço Social, na Universidade Católica. “Foi quando começou minha militância. Montei o núcleo de estudantes negras Matilde Ribeiro, para desenvolver, dentro da formação, o pensamento sobre a violência contra a mulher e o racismo”, conta. A Doutora em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo e Mestra em Estudos Feministas, pela Universidade Federal da Bahia, e idealizadora da Opará Saberes (primeiro curso de aprimoramento de candidaturas negras em programas de pós graduação em universidades públicas) está hoje entre as personalidades negras mais notáveis no Brasil e no mundo. Em 2021, foi eleita uma das 100 figuras públicas mais influentes dos países de língua portuguesa. E destaca a alegria de iniciativas como o Barra Mulher, por valorizar e fortalecer as potencialidades femininas. “É bonito ver a imagem de mulheres, especialmente mulheres negras, retratadas assim. É maravilhoso”.



Agradecida sempre, seu desejo para o futuro é viver o amor. “Eu acredito que o amor está no meu destino. Todas nós mulheres merecemos uma história bonita de amor. Não o amor romântico, mas o amor político, em que meu corpo seja olhado com cuidado e afeto”, revela. No tempo livre, gosta de olhar para as águas, gosta da natureza. “A conexão com a natureza desenvolve em mim a outra inteligência, que torna minha letra acessível a todas e todos”.

